



O Livre Arbítrio a Luz do Espiritismo

**Livretos Doutrinários
Vol.06**

**Autor Intelectual
Leonel Sivieri Varanda**



**Departamento de Difusão
Doutrinária**

INSTITUTO ESPÍRITA DA CARIDADE LUZ DE LÍVIA

Departamento de Comunicação

1ª edição – Março/2018 – 5.000 exemplares

Voluntário Colaborador :

LENICE SIVIERI VARANDA

Todos os direitos de reprodução, cópia, comunicação ao público e exploração econômica desta obra estão reservados única e exclusivamente para o Instituto Espírita da Caridade Luz de Livia. Proibida a reprodução total ou parcial da mesma, através de qualquer forma, meio ou processo eletrônico, digital, fotocópia, microfilme, internet, CD-ROM, sem a prévia e expressa autorização da editora nos termos da Lei 9.610/98 que regulamenta os direitos de autor e conexos.



INSTITUTO ESPÍRITA DA CARIDADE LUZ DE LÍVIA

**ALAMEDA EUROPA, 1087
BAIRRO MANSÕES AEROPORTO
UBERLÂNDIA - MG**

AME

SUMÁRIO

O LIVRE ARBÍTRIO À LUZ DO ESPIRITISMO

PREFÁCIO	6
APRESENTAÇÃO	9
CAPÍTULO I	13
A Liberdade Natural	14
CAPÍTULO II	37
A Liberdade na Lei dos Renascimentos.....	38
CAPÍTULO III	55
O Livre Arbítrio na Codificação Espírita.....	56
CAPÍTULO IV	81
Considerações Finais.....	82
Referências Bibliográficas	93

PREFÁCIO



Chico Xavier e Jarbas Varanda
Fonte: Acervo da família Jarbas Varanda

Os Livretos Doutrinários que aqui se descortinam são uma expressão nítida e real dos passos incansáveis ao Jesus, nosso bem maior.

Desnecessário falar deste irmão em Cristo, que traz na humildade e serenidade do coração as mais belas conjunturas espirituais abraçadas pelo Espiritismo Consolador.

Tivera o prazer do convívio familiar com este nobre espírito, não me deixando dúvidas de sua inquietude no desvendar da Doutrina Espírita. Desvendar sim!

A cada Livreto um convite ao conhecimento da Luz que se brilha no firmamento.

Leonel Varanda, inspirado pelo alto, carrega no intelecto as vibrações de nosso Mentor Espiritual Eurípedes Barsanulfo, baluarte da Terceira Revelação no Triângulo Mineiro.

Justo dizer que pouco contribuí para este luminoso trabalho que se inicia com a objetividade e clareza de um coração puro e emergente para o Plano Maior.

Sua dedicação ao Espiritismo que tão bem o vi praticar, explode hoje em mananciais de Luz norteando o conhecimento da Doutrina.

No resgate do Cristianismo redivivo, os Livretos Doutrinários chegam com esta missão: que possamos compreender a Luz do Evangelho de Cristo, segundo o Espiritismo, o verdadeiro sentido de nossa vida encarnatória e plural.

Não estamos mais na condição de fazedores do destino, mas no cumprimento dos desígnos de Deus.

Minha pequena contribuição para o esclarecimento da Doutrina dos Espíritos se faz aqui, lembrando sempre da exemplificação de nosso irmão Chico Xavier tão bem ilustrada nestas páginas de sabedoria cristã.

Me despeço num largo sorriso, na certeza de que tudo caminha para a execução dos Planos Divinos e retomada da humildade e perseverança do bem crescer em consonância com a máxima de Jesus na prática da caridade e amor ao próximo.

Abençoada seja esta nova empreita de nosso Instituto da Caridade Luz de Livia, que, particularmente, me sinto envolto para as lides da nossa Doutrina Espírita.

Jarbas Leone Varanda

Uberlândia, 24/07/2017.

Psicografia recebida no Instituto Espírita da Caridade Luz de Livia pela médium Lenice Sivieri Varanda

APRESENTAÇÃO

O Instituto Espírita da Caridade Luz de Livia nos apresenta a oportunidade do esclarecimento, através da publicação de importantes chamadas da espiritualidade, na forma de livretos básicos doutrinários, cujo conteúdo deverá refletir o pensamento contido nas obras da Codificação, para o serviço de difusão da ideia espírita.

Nada de novo que pudesse chamar a atenção para outros aspectos da Doutrina Espírita, mas, simplesmente, numa ordem diferente, baseado no pressuposto de que a ideia espírita é um manancial riquíssimo de valores e ensinamentos.

Uma forma simples e prática para o entendimento de uma Doutrina que pertence aos Espíritos, e cuja direção superior nos conclama para a fidelidade aos postulados Espíritas, pois que representam, na atualidade, a maior fonte de informações para a compreensão de nossa posição de Espíritos eternos, conscientes e responsáveis perante a vida.

Nesses livretos, encontraremos a Doutrina Espírita, livre e dinâmica, que espelha o propósito de

concretizar a tarefa de consolador prometido, direcionando os esforços dos Espíritas para a finalidade básica do Espiritismo, que se encontra na revivescência do Evangelho de Nosso Senhor Jesus.

E, nesse sentido, vamos verificar a luminosa coerência entre o edifício da Codificação, base que se sustenta na lógica e na simplicidade de Kardec, com a obra extraordinária do médium Francisco Cândido Xavier que nos remete à vivência Cristã, em sua pureza original.

Chico Xavier, ao dar sentido à obra de Kardec, em sua aplicação prática, vivendo e sofrendo os princípios espíritas em toda a sua plenitude, desde a compreensão e aceitação absoluta dos desígnios de Deus, até às esperanças e consolações, quando materializou a coletânea de mensagens de entes queridos, que subiram aos céus em forma de reconhecimento e amor, deixa, a toda humanidade, a expressão máxima do Espiritismo, a sua finalidade principal, na feição do Consolador Prometido.

Portanto, a tarefa reservada ao Instituto Luz de Lúcia, com a publicação dos livretos doutrinários, é dar visibilidade simples e prática à Doutrina Espírita, apoiada, principalmente, na lógica de Kardec e na luz

de Chico Xavier. Um ajuste perfeito, unindo teoria e prática, que busca a substância do Espiritismo, e que se acha personificada na mensagem permanente do Evangelho, expressão fiel da mensagem do Salvador, o Cristo de Deus.

Uberlândia, Primavera de 2017.



CAPÍTULO I

A LIBERDADE NATURAL

CAPÍTULO I

A LIBERDADE NATURAL



Kardec codificador do Espiritismo

<http://blog.estantevirtual.com.br/2016/01/06/cinco-livros-para-conhecer-allan-kardec/>

Homem, meu irmão, tenha fé em seu destino, porque ele é grande. Você nasceu com faculdades inatas, aspirações infinitas, e a eternidade lhe é dada para desenvolver uns e satisfazer os outros. Crescer vida a vida, esclarecer-se pelo estudo, purificar-se pela dor, adquirir uma ciência sempre mais vasta, qualidades cada vez mais nobres; eis o que lhe está reservado. Deus tem feito ainda mais por você. Deu os meios de colaborar em sua obra; de participar na lei do

progresso sem limites, abrindo novas vias aos seus semelhantes, elevando seus irmãos, atraindo-os a você, iniciando-os nos esplendores do verdadeiro e do belo, às sublimes harmonias do universo. Não é isso criar, transformar almas e mundos? E estéril? Colaborar com Deus! Realizar em tudo e por tudo o bem e a justiça! Que pode ser maior, mais digno ao seu espírito imortal (Leon Denis, O Porquê da Vida)

Ao longo de sua jornada evolutiva, ao Espírito é concedida a possibilidade de sonhar com a liberdade, pois a liberdade lhe garante o direito de dirigir o próprio destino, mas, com os valores da experiência ele passa a compreender que a liberdade representa uma conquista do ser espiritual, adquirida progressivamente, na medida de seu desenvolvimento cultural e moral. Seria uma atitude incoerente, se a Providência Divina garantisse liberdade absoluta a um ser inexperiente, do ponto de vista moral, que enfrentasse seus primeiros dilemas existenciais.

Os Espíritos que chegam ao ponto de terem consciência de si mesmos e do seu livre-arbítrio, iniciam uma verdadeira aventura exploratória

pelas vias evolutivas, consideradas como condições temporárias, que dependem do desenvolvimento de suas inteligências. A partir desse ponto, o desejo de progredir lhes faz necessária a atividade e felizes se sentirão por poderem tornar-se úteis.

Consoante as leis de Deus, é fundamental compreender a relação que existe entre o determinismo divino, baseado na lei de amor e do bem, e os princípios de liberdade, baseado na lei de causa e efeito, para explicar a origem do mal. Emmanuel nos esclarece, na pergunta 135 do livro O Consolador.

O determinismo divino se constitui de uma só lei, que é a do amor para a comunidade universal. Todavia, confiando em si mesmo, mais do que em Deus, o homem transforma a sua fragilidade em foco de ações contrárias a essa mesma lei, efetuando, desse modo, uma intervenção indébita na harmonia divina. Eis o mal. Urge recompor os elos sagrados dessa harmonia sublime. Eis o resgate. Vede, pois, que o mal, essencialmente considerado, não pode existir par Deus,

em virtude de representar um desvio do homem, sendo zero na Sabedoria e na Providência Divinas (Emmanuel, O Consolador)

Mas, considerando o estado em que se encontra, o determinismo divino limita sua liberdade, condicionando o Espírito a viver experiências de aprendizado, cada vez mais intensas e necessárias ao desenvolvimento de habilidades primárias. Entretanto, o círculo dentro do qual se exerce a vontade do homem é excessivamente restrito e não pode, em caso algum, impedir a ação divina, cujos efeitos se desenrolam na imensidade sem limites.

Mas, como construtor do próprio destino, o Espírito anseia pela liberdade, e a experiência se transforma no caminho de sua libertação. Aprender para libertar-se das grades impostas pelo determinismo divino é a senha que impulsiona o Espírito a buscar conhecimento e moralidade, cultura e valores éticos universais, através dos quais lhe será possível ampliar sua visão do universo e da vida, adquirindo liberdade de ação para viver segundo o determinismo do

bem. Tudo começa e gravita em torno de Deus. Libertar-se, gradualmente, do determinismo divino para viver segundo o determinismo do bem.

É importante considerar que os esforços dos Espíritos se confundem no objetivo geral da lei de Deus, a lei do progresso. A questão 566, proposta por Allan Kardec, em O Livro dos Espíritos, nos auxilia a compreender a influência da liberdade em todas as deliberações individuais. Kardec pergunta se o Espírito, que haja cultivado na Terra uma especialidade artística, que tenha sido, por exemplo, pintor, ou arquiteto, se interessa de preferência pelos trabalhos que constituíram objeto de sua predileção durante a vida?

Tudo se confunde num objetivo geral. Se for um Espírito bom, esses trabalhos o interessarão na medida do ensejo que lhe proporcionem de auxiliar as almas a se elevarem para Deus. Demais, esqueceis que um Espírito que cultivou certa arte, na existência em que o conhecestes, pode ter cultivado outra em anterior existência, pois que lhe cumpre saber tudo para ser perfeito. Assim, conforme o grau do seu adiantamento

pode suceder que nada seja para ele uma especialidade, tudo se confunde num objetivo geral. Notai ainda o seguinte: o que, no vosso mundo atrasado, considerais sublime, não passa de infantilidade, comparado ao que há em mundos mais adiantados. Como pretenderíeis que os Espíritos que habitam esses mundos, onde existem artes que desconheceis, admirem o que, aos seus olhos, corresponde a trabalhos de colegiais? Por isso disse eu: atentam no que demonstre progresso (Allan Kardec, questão 566 de O Livro dos Espíritos).

Por outro lado se considerarmos o problema do ponto de vista coletivo, o ser humano não encontra uma posição em que desfruta de liberdade absoluta, já que todos precisam uns dos outros, assim os pequenos como os grandes. Desde que juntos estejam dois homens, há entre eles direitos recíprocos que lhes cumpre respeitar; não mais, portanto, qualquer deles desfruta de liberdade absoluta. Nesse caso, poderíamos nos referir a uma liberdade relativa que estará condicionada à aplicação da lei de Deus, cuja síntese é encontrada no ensino Cristão.

Mestre, qual o mandamento maior da lei? Jesus respondeu: Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu espírito; este o maior e o primeiro mandamento. E aqui tendes o segundo, semelhante a esse: Amarás o teu próximo, como a ti mesmo. Fazei aos homens tudo o que queirais que eles vos façam, pois é nisto que consistem a lei e os profetas. (MATEUS, 22: 34 a 40.)

O reino dos céus é comparável a um rei que quis tomar contas aos seus servidores. Tendo começado a fazê-lo, apresentaram-lhe um que lhe devia dez mil talentos. Mas, como não tinha meios de os pagar, mandou seu senhor que o vendessem a ele, sua mulher, seus filhos e tudo o que lhe pertencesse, para pagamento da dívida. O servidor, lançando-se-lhe aos pés, o conjurava, dizendo: “Senhor, tem um pouco de paciência e eu te pagarei tudo”. Então, o senhor, tocado de compaixão, deixou-o ir e lhe perdoou a dívida. Esse servidor, porém, ao sair encontrando um de seus companheiros, que lhe devia cem dinheiros, o segurou pela goela e, quase a estrangulá-lo dizia: Paga o que me deves. O companheiro, lançando-se-lhe aos pés, o conjurava,

dizendo: Tem um pouco de paciência e eu te pagarei tudo. Mas o outro não quis escutá-lo; foi-se e o mandou prender, para tê-lo preso até pagar o que lhe devia. Os outros servidores, seus companheiros, vendo o que se passava, foram, extremamente aflitos, e informaram o senhor de tudo o que acontecera. Então, o senhor, tendo mandado vir à sua presença aquele servidor, lhe disse: Mau servo, eu te havia perdoado tudo o que me devias, porque me pediste. – Não estavas desde então no dever de também ter piedade do teu companheiro, como eu tivera de ti? E o senhor, tomado de cólera, o entregou aos verdugos, para que o tivessem, até que ele pagasse tudo o que devia. É assim que meu Pai, que está no céu, vos tratará, se não perdoardes, do fundo do coração, as faltas que vossos irmãos houverem cometido contra cada um de vós. (MATEUS, 18:23 a 35)

O respeito aos direitos do próximo pode, também, ser deduzida da sentença que recomenda dar a César o que é de César, e que deve ser entendida de modo geral. Segundo o pensamento de Kardec, contido no Evangelho Segundo o Espiritismo, como em todos os ensinamentos de Jesus,

há nela um princípio geral, resumido sob forma prática e usual e deduzido de uma circunstância particular. Esse princípio é consequente daquele segundo o qual devemos proceder para com os outros como queiramos que os outros procedam para conosco. Ele condena todo prejuízo material e moral que se possa causar a outrem, toda transgressão aos seus interesses. Prescreve o respeito aos direitos de cada um, como cada um deseja que se respeitem os seus. Estende-se mesmo aos deveres contraídos para com a família, a sociedade, a autoridade, tanto quanto para com os indivíduos em geral.

O ensinamento do Cristo atendeu, portanto, aos interesses espirituais de todos, colocando como limite para a liberdade do Espírito, o direito do próximo. A obrigação de respeitar os direitos alheios não tira ao homem o de dirigir a si mesmo, porquanto este é um direito que lhe vem da natureza.

É contrária à lei de Deus toda sujeição absoluta de um homem a outro homem. A escravidão, física, mental, profissional ou social é um abuso da força.

Desaparece com o progresso, como gradativamente desaparecerão todos os abusos. É contrária à Natureza a lei humana que consagra a escravidão, pois o homem assemelha-se ao irracional e o degrada física e moralmente.



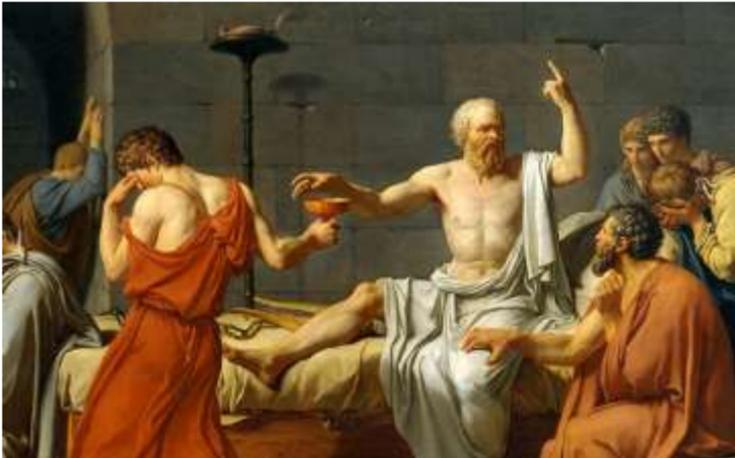
Chico Xavier e a responsabilidade perante as tarefas

Aproveitemos o exemplo da escravidão para salientar a questão da responsabilidade. Mesmo considerando que a escravidão faça parte dos costumes de um povo, são censuráveis os que dela aproveitam, pois o mal é sempre o mal e não

há sofisma que faça se torne boa uma ação má. A responsabilidade, porém, do mal é relativa aos meios de que o homem disponha para compreendê-lo. Aquele que tira proveito da lei da escravidão é sempre culpado de violação da lei da Natureza. Mas, aí, como em tudo, a culpabilidade é relativa. Desde que a civilização esteja esclarecida pelas luzes do Cristianismo, sua razão lhe mostra o escravo como um ser igual perante Deus, nesse caso, nenhuma desculpa mais ele tem.

À primeira vista, a liberdade do homem parece muito limitada no círculo de fatalidades que o encerra: necessidades físicas, condições sociais, interesses ou instintos. Mas, considerando a questão mais de perto, vê-se que essa liberdade é sempre suficiente para permitir que a alma quebre esse círculo e escape às forças opressoras. A liberdade e a responsabilidade são correlativas no ser e aumentam com sua elevação; é a responsabilidade do homem que faz sua dignidade e moralidade. Sem ela, não seria ele mais do que um autômato, um joguete das forças

ambientes; a noção de moralidade é inseparável da de liberdade. A responsabilidade é estabelecida pelo testemunho da consciência, que nos aprova ou censura segundo a natureza de nossos atos. A sensação do remorso é uma prova mais demonstrativa que todos os argumentos filosóficos.



Sócrates com o pensamento livre, apesar do corpo estar condenado

Devemos compreender, entretanto, que existe no homem a liberdade de pensar que escapa a todo constrangimento e pela qual desfruta de absoluta liberdade. Na História da humanidade,

principalmente, na vida os grandes gênios, estes nunca foram impedidos de pensar segundo suas próprias convicções. Sócrates, obrigado a tomar cicuta, a pensar pelo raciocínio dos homens de sua época, emancipa-se pelo pensamento e nos deixa o testemunho da imortalidade da alma.

Para quem ainda não teve a oportunidade de ler o livro Fédon, de Platão, vamos nos deliciar com um trecho da narrativa que retrata a liberdade de pensamento de Sócrates, estando liberto do cárcere da matéria. É a sensação de liberdade pura que somente a experiência da vida imortal, adquirida ao longo de vidas sucessivas, poderia garantir.

O fato é que se eu não acreditasse, primeiro, que vou para junto de outros deuses, sábios e bons, e, depois, para o lugar de homens falecidos muito melhores do que os daqui, cometeria uma grande erro por não me insurgir contra a morte. Porém podes fiar que espero juntar-me a homens de bem. Sobre esse ponto não me manifesto com muita segurança; mas no que entende com minha transferência para junto de deuses que são

excelentes amos: se há o que eu defenda com convicção é precisamente isso. Esse motivo de não me revoltar à ideia da morte. Pelo contrário, tenho esperança de que alguma coisa há para os mortos, e, de acordo com antiga tradição, muito melhor para os bons do que para os maus (Platão, Fédon).

E assim prossegue Platão, seguindo o pensamento de Sócrates, em busca da verdade, da vida imortal, defendendo o princípio da reencarnação e demonstrando que, pelo pensamento, o Espírito desfruta de liberdade absoluta.

Basicamente, podemos considerar, que quando maior a liberdade que o Espírito vivencia em suas existências, por uma questão de consciência à lei Divina, maior sua responsabilidade. Sabendo, pois, que o homem é responsável pelo seu pensamento perante Deus, pois somente Deus é possível conhecê-lo, na intimidade do próprio Espírito, e que a vida tem como premissa básica o determinismo do bem, o Espírito é levado a tomar a decisão, consciente, a partir dos erros, acertos,

provas e expiações, que é preferível tornar-se escravo das leis de Deus.

Outro aspecto que deve ser considerado no estudo sobre a liberdade diz respeito à liberdade de consciência

Um dos caracteres da verdadeira civilização será aquela que mais homens de bem e menos hipócritas fizer, isto é, pela prática da lei de amor na sua maior pureza e na sua mais ampla aplicação. Esse o sinal por que reconheceréis que uma doutrina é boa, visto que toda doutrina que tiver por efeito semear a desunião e estabelecer uma linha de separação entre os filhos de Deus não pode deixar de ser falsa e perniciosa (Allan Kardec, Perg. 841 O Livro dos Espíritos).

É importante abordar o tema religião e responsabilidade através da consulta à obra psicografada por Chico Xavier, Evolução em Dois Mundos. Entre várias considerações, André Luiz afirma que à medida que a responsabilidade se lhe apossou do espírito, iluminou-se a consciência do homem. A centelha da razão convertera-se em chama divina. A inteligência humana entendeu a

grandeza do Universo e compreendeu a própria humildade, reconhecendo em suas entranhas a ideia inalienável de Deus. Conduzindo-se, então, de modo racional, experimentou profundas transformações. Percebe, nesse despertar, que, além das operações vulgares da nutrição e da reprodução, da vigília e do repouso, estímulos interiores, inelutáveis, trabalham-lhe o âmago do ser, plasmando-lhe o caráter e o senso moral, em que a intuição se amplia segundo as aquisições de conhecimento e em que a afetividade se converte em amor, com capacidade de sacrifício, atingindo a renúncia completa.

Continua André Luiz dizendo que até à época recuada do paleolítico, interferiram as Inteligências Divinas para que se lhe estruturasse o veículo físico, dotando-a com preciosas reservas para o futuro imenso. Envolvendo-a na luz da responsabilidade, conferiam-lhe o dever de conservar e aprimorar o patrimônio recebido e, investindo-a na riqueza do pensamento contínuo, entregaram-lhe a obrigação de atender ao aperfeiçoamento de seu corpo espiritual. Aceitar-se-á, razoavelmente, que até semelhante

fase os tremendos conflitos da Natureza, em que se mesclavam a violência e a brutalidade, foram debitados à conta da evolução necessária para a discriminação de indivíduos e agrupamentos, espécies e raças.

Estabelecido, porém, o princípio de justiça e aflorando a capacidade do Espírito de criar e transmitir algo mentalmente em fluxo contínuo, o homem começou a examinar em si mesmo o efeito das próprias ações, de modo a crescer, conscientemente, para a sua destinação de filho de Deus, herdeiro e colaborador da Sua Obra Divina. Faminto de elucidacões adequadas quanto ao próprio caminho, ergue as antenas mentais para as estrelas, recolhendo os valores do espírito que lhe consubstanciam o patrimônio de revelacões do Céu, através dos tempos.

Era necessário assegurar-lhe o transformismo anímico, revesti-lo de luminosidade e beleza e apurar-lhe os princípios para que, além do círculo humano, pudesse retratar a glória dos planos superiores. **Para isso, o pensamento reclamava orientacão educativa, de modo a despojar-se**

da espessa sedimentação de animalidade que lhe presidia os impulsos. Exigia-se-lhe a depuração da atmosfera vital, imprescindível à assimilação da influência divina. **E a atividade religiosa nasceu por instituto mundial de higiene da alma, traçando ao homem diretrizes à nutrição psíquica.**

A ciência médica, rica de experimentação e de lógica, surgiria para corresponder às necessidades do corpo físico, mas a tarefa religiosa viria ao encontro das civilizações, plena de inspiração e disciplina, patrocinando a orientação do corpo espiritual, em seu necessário refinamento.

Conforme assevera André Luiz, a atividade religiosa nasceu por instituto mundial de higiene da alma, e, por isso mesmo, é importante, neste primeiro capítulo, abordar uma das características da liberdade que esta relacionada à liberdade de crença, ponto fundamental no processo evolutivo do ser. A crença é algo sagrado para a consciência, a crença íntima é inacessível. Agora, se cada ser humano tem o direito de crer segundo

suas próprias convicções, reprimir os atos exteriores de uma crença, quando acarretam qualquer prejuízo a terceiros ou propaguem doutrinas perniciosas, não é atentar contra a liberdade de consciência, pois que essa repressão em nada tira à crença a liberdade, que ela conserva integral.

Nesse caso, podemos e até devemos procurar trazer ao caminho da verdade os que se transviaram obedecendo a falsos princípios, mas os Espíritos Superiores impõem uma condição.

A de ensinar, a exemplo de Jesus, servindo-vos da brandura e da persuasão e não da força, o que seria pior do que a crença daquele a quem desejaríeis convencer. Se alguma coisa se pode impor, é o bem e a fraternidade. Mas não cremos que o melhor meio de fazê-los admitidos seja obrar com violência. A convicção não se impõe (Allan Kardec, Perg. 841 O Livro dos Espíritos).

A Liberdade de Consciência é um dos direitos fundamentais do homem, estando consagrada

pela Declaração Universal dos Direitos Humanos e pela nossa Carta Magna em seu artigo 153.

Na verdade, a liberdade de pensar, de ter ideias, de opinar, de esposar essa ou aquela ideologia, crença filosófica de vida, é apanágio de toda criatura humana, sendo um dos ensinamentos dos Espíritos, em o “O Livro dos Espíritos”, na questão 835 e seguintes.

Particularmente, no campo religioso, a liberdade consiste na faculdade que todos os homens têm de crer nos princípios e ideias religiosas que abraçou, sem sofrer qualquer limitação, e afirmar sua crença por meio de manifestações externas, desde que não contrariem a ordem pública e os bons costumes.

Como consequência lógica, a inviolabilidade dessa liberdade significa que a crença há de ser respeitada pela Sociedade, pelo Estado. Em síntese, no Campo Educacional é a consagração da laicidade do ensino, não se permitindo a imposição do mesmo nos Educandários, ficando resguardada apenas o Ensino Religioso como

matrícula facultativa (Art. 176, item V, da Constituição Federal).

Tal entendimento constitucional e doutrinário nos autoriza o total repúdio ao ensino religioso obrigatório nas Escolas. Por outro lado, o Espiritismo não deixa órfãos do ensino religioso quando nos incentiva à preservação do bom ambiente espiritual dos Cultos do Evangelho no Lar e nas Instituições Espíritas, em contraposição ao ambiente dos Educandários. E isso está fundamentado no princípio de que o ensino religioso nas Escolas concorre para o enfraquecimento da família com o desobrigar os pais de mandar seus filhos a vivenciarem o ensino espírita-cristão, notadamente, na educação afetiva nos Centros Espíritas, nas Escolas Espíritas de Evangelização e nas Mocidades.

São essas razões particulares, de ordem doutrinária, que se juntam às de ordem geral, próprias da laicidade do ensino, recordando André Luiz, em *Conduta Espírita: Pugnar pela laicidade absoluta do ensino mantido oficialmente*, esclarecendo os estudantes, sejam crianças ou

jovens, sempre que necessário, quanto à conveniência de absterem cordialmente, quando possível, das aulas e solenidades de Ensino Religioso nos Institutos de Instrução que veiculem noções religiosas contrárias à Doutrina do Espiritismo.

Preconizando a nossa Constituição Federal o Ensino Religioso facultativo para os alunos, defende a laicidade e a liberdade de consciência. É claro que isso não impede que haja manifestação religiosa nas Escolas, nas Instituições em geral, pois sabemos o sentido profundo e verdadeiro da Educação que é integral, englobando as diversas dimensões do Ser Humano na sua caminhada evolutiva.

Tais manifestações, é claro, somente poderiam ser permitidas em pleno regime de liberdade para todos os credos, através de palestras, conferências por parte de seus profíctentes, gratuitamente, sendo esta a única abertura em sintonia com o espírito de laicidade do ensino nas Escolas.

Aliás, esta já é uma tradição de nossa Pátria. Nesse sentido, D. Pedro II, quando de sua última viagem ao interior de São Paulo, em 1886, visitando uma Escola, declarou a um jornalista, a propósito da religião nas Escolas: - “A religião deve ser ensinada pelas próprias mães; só na falta destas é que pode ser confiada à professora.” (da obra “Chico Xavier, D. Pedro II e o Brasil”, de Walter José Faé).

CAPITULO II

A LIBERDADE NA LEI DOS RENASCIMENTOS

CAPITULO II

A LIBERDADE NA LEI DOS RENASCIMENTOS



Chico Xavier e a psicografia mediúnica.

A questão muda inteiramente de aspecto ao se alargar o círculo da vida e se considerar o problema à luz que projeta a doutrina dos renascimentos. Assim, cada ser conquista a própria liberdade no decurso da evolução que tem de concluir (Léon Denis, O Problema do Ser, do Destino e da Dor).

Até agora, tanto sob o ponto de vista teológico como determinista, a questão tinha ficado quase insolúvel. E não podia ser de outro modo, já que o entendimento se distancia da lógica quando parte do dado de que o ser humano tem a percorrer uma única existência.

A lei dos renascimentos explica e completa o princípio da imortalidade. A evolução do ser indica um plano e um fim. Esse fim, que é a perfeição, não pode realizar-se em uma única existência, por mais longa que seja. Devemos ver na pluralidade das vidas da alma a condição necessária de sua educação e de seus progressos.

É à custa dos próprios esforços, de suas lutas, de seus sofrimentos, que ela se redime de seu estado de ignorância e de inferioridade e se eleva, de degrau a degrau, primeiramente na Terra e, em seguida, através das inumeráveis estâncias do céu estrelado. A reencarnação, afirmada pelas vozes de além-túmulo, é a única forma racional pela qual se pode admitir a reparação das faltas cometidas e a evolução gradual dos seres. Sem ela não se vê sanção moral satisfatória e

completa, não há possibilidade de conceber a existência de um Ser que governe o universo com justiça.

Para compreendermos de forma simplificada, a lei das vidas sucessivas funcionando como agente de renovação da alma, sem tolher a liberdade de consciência do Espírito, é importante recordar os esclarecimentos de Emmanuel, cuja ação pedagógica esta inseria no livro Caminho, Verdade e Vida, quando aborda o ensinamento do Cristo: “Não te maravilhes de te haver dito: Necessário vos é nascer de novo” Jesus (João, 3:7).

A reencarnação é lei universal. Sem ela, a existência terrena representaria turbilhão de desordem e injustiça; à luz de seus esclarecimentos, entendemos todos os fenômenos dolorosos do caminho.

O homem ainda não percebeu toda a extensão da misericórdia divina, nos processos de resgate e reajustamento. Entre os homens, o criminoso é enviado a penas cruéis, seja pela condenação à morte ou aos sofrimentos prolongados. A Providência, todavia,

corrige, amando. Não encaminha os réus a prisões infectas e úmidas. Determina somente que os comparsas de dramas nefastos troquem a vestimenta carnal e voltem ao palco da atividade humana, de modo a se redimirem, uns à frente dos outros.



Nosso Senhor Jesus curando os doentes

O algoz integral como a vítima integral são desconhecidos do homem; o Pai, contudo, identifica as necessidades de seus filhos e reúne-os, periodicamente, pelos laços de sangue ou na rede dos compromissos edificantes, a fim de que aprendam a lei

do amor, entre as dificuldades e as dores do destino, com a bênção de temporário esquecimento (Emmanuel, Caminho, Verdade e Vida).

Portanto, reajuste e reajustamento às leis de Deus representam caminhos evolutivos, em que o Espírito, valendo-se de sua consciência e nos limites da liberdade concedida pelo Criador, aprende a educar-se em regime de valorização dos sentimentos de amor ao próximo.

Unicamente a reencarnação esclarece as questões do ser, do sofrimento e do destino. Somente no contexto da reencarnação, podemos reconhecer os dispositivos da lei de Deus que cerceiam nossa liberdade, escravizando-nos a períodos de reflexão, a nosso benefício. Em muitas ocasiões, falou-nos Jesus de seus belos e sábios princípios, recordando-nos as diretrizes existenciais.

“Portanto, se a tua mão ou o teu pé te escandalizar, corta-o e atira-o para longe de ti; melhor te é entrar na vida, coxo ou aleijado, do que, tendo duas mãos ou

dois pés, seres lançado no fogo eterno.” Jesus (Mateus, 18:8).

No concerto das lições divinas que recebe, o cristão, a rigor, apenas conhece, de fato, um gênero de morte, a que sobrevém à consciência culpada pelo desvio da Lei. Nessa situação, a vida pede o concurso de exercícios espirituais, na capa dos sofrimentos regeneradores ou no afastamento deliberado das facilidades da existência, para que o futuro seja construído em bases de suor, lágrimas e amor. Na elevada simbologia de suas palavras, apresenta-nos Jesus o motivo determinante dos renascimentos dolorosos, em que observamos aleijados, cegos e paralíticos de berço, que pedem semelhantes provas como períodos de refazimento e regeneração, com limitações da liberdade de agir no campo exterior de suas manifestações e inteiramente livres na intimidade do próprio ser, indispensáveis à felicidade porvindoura.

“E, na verdade, toda correção, no presente, não parece ser de deleite, senão de tristeza, mas, depois, produz

*um fruto pacífico de justiça nos exercitados por ela.”
Paulo (Hebreus, 12:11).*

A corrigenda é sempre rude e desagradável, mas, naqueles que lhe aceitam a luz, resulta sempre em frutos abençoados de experiência, conhecimento, compreensão e justiça. E o Homem é livre para recebê-la e ambientá-la no próprio coração. O problema da felicidade pessoal, por isso mesmo, nunca será resolvido pela fuga ao processo reparador. Raros, contudo, lhe aceitam a bênção, porque semelhante dádiva, na maior parte das vezes, não chega envolvida em sabor agradável. Surge, misturada de fel, à feição de remédio curativo e salutar. Logo, diante do processo evolutivo, a dor e o obstáculo, o trabalho e a luta são recursos de sublimação que nos compete aproveitar.

Vale a pena refletir com Emmanuel, em mensagem do livro *Justiça Divina*, quando nos fala que Espíritos culpados, somos quase todos, entretanto, a perfeita justiça, nunca se expressa sem a perfeita misericórdia e abre-nos a todos, sem exceção, o serviço do bem, que podemos

abraçar na altura e na quantidade que desejarmos, como recurso infalível de resgate e reajuste, burilamento e ascensão. Nesse ponto, Emmanuel aponta o serviço do bem como recurso infalível de resgate e reajuste, o que representa para o Espírito a liberdade de escolha para o processo de renovação: sofrer e suar no resgate justo ou trabalhar no bem, com aquisições no campo justo da eternidade.

Nessa proposta, surge a beleza do trabalho fraterno, em bases cristãs, como fonte de amizades eternas e no clima favorável, em termos de alegria e paz, às conquistas de valores eternos. Claro que o Espírito fica livre para escolher a forma de resgate, em termos de provações rudes ou o trabalho no bem, mas lembrando sempre que o trabalho no bem não representa, apenas, um estrada de flores e perfumes, mas, acima de tudo, um caminho a ser pavimentado de amor, paz e muito trabalho, e geralmente, à custa de sacrifício pessoal, renúncia e dedicação incansável.

Atendamos, pois, às boas obras quanto nos seja possível. Cada migalha de bem que façamos é luz conosco,

clareando os que amamos. E assim é porque, de conformidade com as Leis Divinas, o aperfeiçoamento do mundo depende do mundo, mas o aperfeiçoamento em nós mesmos depende de nós (Emmanuel, Justiça Divina).

Assim, aprenderemos, na pauta de nossos esforços, aceitação consciente e ação deliberada no bem, os valores eternos da experiência com os quais saberemos palmilhar as vias, cuidadosamente elaboradas, com o esmero do zelador vigilante e cuidadoso, que se preocupa em não deixar uma pedra que possa ferir os pés alheios. O respeito aos direitos do próximo passa a ser uma legenda de luz em todos os acontecimentos da vida, norma básica de conduta na base do “amai-vos uns aos outros como eu vos amei”.

Na reencarnação há um programa de serviço a realizar, débitos a resgatar e desafios pelas aquisições a fazer. Esse programa envolve responsabilidades, inerentes às deliberações do Espírito perante sua consciência e o próximo.

O Espírito escolhe o gênero de provas a que deseja se submeter; nisto consiste o livre-arbítrio na escolha das provas (Allan Kardec, O Livro dos Espíritos).

Os Espíritos atuam de tal maneira que o homem, crente de que obedece a um impulso próprio, conserva sempre o seu livre-arbítrio.

Se o Espírito desanima à frente da luta, não será justo violentar o seu livre arbítrio, impondo-lhe atitudes que a ele compete cultivar. Voltará mais tarde aos débitos contraídos (André Luiz, Ação e Reação).

Oferecemos, como ilustração ao estudo da liberdade, em torno da reencarnação, o caso de Valéria, Espírito que se comunicou na reunião de 25 de agosto de 1955, no Grupo Espírita Meimei, em Pedro Leopoldo, cuja experiência esta registrada no livro Vozes do Grande Além.

Conta-nos Arnaldo Rocha que Valéria, abnegada amiga espiritual, transmite, em mensagem psicofônica através do médium Chico Xavier, informações de sua última roagem pelos caminhos da Terra. Em traços simples, mas

profundamente humanos e expressivos, plasmou o formoso estudo da lei de causa e efeito relatado a seguir.

Amigos.

Trazida ao recinto por nossos Instrutores, ofereço-vos alguma coisa de minha história obscura. É um episódio de dor, porque nascido da culpa, mas também de alegria, por erguer-se à redenção.

Observo que a verdade aqui se exprime, veloz, por intermédio de vossa boca; no entanto, para comigo, externou-se ela, devagarinho, pelas amargas lições da lepra.

Não obstante o anonimato de meu berço e a singeleza de minha existência, em minha última romagem na Terra guardava todos os títulos da mulher venturosa.

No entanto, quando mais me orgulhava do lar feliz, coroadado pela presença de um esposo e quatro filhos, cujo amor supunha invulnerável, eis que a Justiça divina delegou à morfeia o poder de expurgar-me o coração.

Nunca me esquecerei do pavor que vi desenhar-se no semblante daqueles que eu mais amava, quando regressei da cidade ao campo, com o diagnóstico terrível. O desprezo de que me vi objeto doía muito mais que a própria enfermidade.

Meu companheiro e meus filhos, amedrontados, desfizeram-se do sítio florescente em que minhas mãos lhes aflagavam a vida, e fugiram de mim, legando-me apenas desguarnecida palhoça, no seio da mata, onde me caberia morrer.

Narrar-vos o que foi meu drama expiatório, por mais de dez anos consecutivos, é tarefa impraticável, em meus recursos de expressão.

Conheci, de perto, o infortúnio e a necessidade. O pão esmolado tinha gosto de fel. O escárnio do próximo, jogado francamente ao meu rosto, era assim como um relho em brasas, revolvendo-me as chagas vivas.

Por agasalho, possuía o musgo com que me socorria a mãe Natureza e por únicas companhias, no mato agreste, além dos lobos que uivavam a pequena

distância, encontrava somente a formiga e a varejeira, com o alívio das lágrimas e o reconforto da oração.

O corpo apodreceu, pouco a pouco, guerreando-me o egoísmo e estraçalhando-me a vaidade. E quando meus pés, por excesso de feridas, se recusaram ao movimento, confiei-me à inanição. Suspirar pela morte no leito de palha era meu único sonho, entre a sede e a fome, a aflição e o delírio.

Sofri pavorosamente, até que numa noite de estio, dessas em que o orvalho do céu não consegue acalmar a secura escaldante da terra, perguntei a Deus, em pranto mudo, pela razão dos estranhos padecimentos a que o destino me precipitara, indefesa

Foi, então, que a febre descerrou inesperados painéis ao meu olhar. Não podia saber se o presente retornava ao passado ou se o passado me atingia o presente.

Vi-me, engrinaldada de fortuna e beleza, numa cidade espanhola de época recuada. Nela, possuía um irmão consanguíneo para quem roguei ao Santo Ofício, com falsos testemunhos, a pena de prisão incomunicável,

temendo-lhe a palavra, já que tivera a desventura de conhecer-me os crimes inconfessáveis.

Arranquei-o à esposa e aos filhinhos, impus-lhe a solidão e o desespero no calabouço, em que se demorou, por muito tempo, até que requisitei para ele o suplício do fogo, que lhe foi aplicado, por fim, na cela onde agonizava...

Via-lhe ainda as vísceras fumegantes e escutava-lhe os gritos aterradores, quando me senti de volta à carne torturada.

De novo, o silêncio, a angústia e a monotonia. Experimentara um pesadelo ou havia conhecido a verdade? A Providência Divina teria dado resposta às minhas súplicas?

Formulava semelhantes indagações a mim mesma, quando assinaei os passos de dois homens que se aproximavam. Mantinham conversa clara e ativa. Ouvia-lhes o diálogo, incapaz de qualquer reação.

- Tem visto você a megera leprosa? – indagou um deles.

- Creio terá morrido, pelo cheiro de peste reinante no ar – respondeu o outro.

- Não será conveniente uma verificação?

- Não me animo a enfrentar essa bruxa, que, a estas horas, não passará de um cadáver.

- Então – rematou o mais afoito -, ajudemo-la para que os corvos não lhe espalhem no campo os restos envenenados...

Anotei o ruído de um fósforo a inflamar-se ao compasso de risos estridentes. As chamas crepitaram rápidas. Inutilmente procurei clamar por socorro. A garganta jazia semimorta e a boca cerrada não conseguia nem mesmo balbuciar uma prece. As labaredas pareciam serpentes rubras a me enlaçarem para a morte.

Como descrever-vos a flagelação do momento final? Sei apenas que, por minutos, que se desdobraram para mim como séculos, vi-me na po-sição de tocha viva a estertorar-se. Mas, reduzido o meu corpo a cinzas, ergui-me do pó, vestida em roupa leve e alva.

A gritar de júbilo, vi que meu rosto se reconstituía, que minhas mãos estavam limpas, que meus cabelos estavam intactos. E, através das chamas que me libertavam, amigos de olhar brando me estendiam braços amorosos, em ósculos de luz. Ajoelhei-me, feliz, e em lágrimas de ventura agradei a Deus as úlceras salvadoras e a fogueira da redenção!...

Ah! meus amigos, a evolução do Direito concede-vos hoje sacerdotes e juízes respeitáveis na galeria dos povos mais cultos da Terra. A Inquisição é um fantasma no tempo e o mundo começa a acalentar, com segurança, preciosos institutos de benemerência e solidariedade humana, contudo, absteide-vos do crime, porque a culpa é assim como a jaula a encarcerar-nos a consciência, da qual somente nos libertamos pela Bondade Inexaurível do Pai Celestial que, desse ou daquele modo, nos concede o ensejo de saldar nossos débitos, ceitel por ceitel.

Podemos concluir que para o Espírito chega sempre o momento de aferição do próprio valor, com a liquidação de muitos débitos, que se apresentam na caderneta do educador, como inadiáveis, pedindo

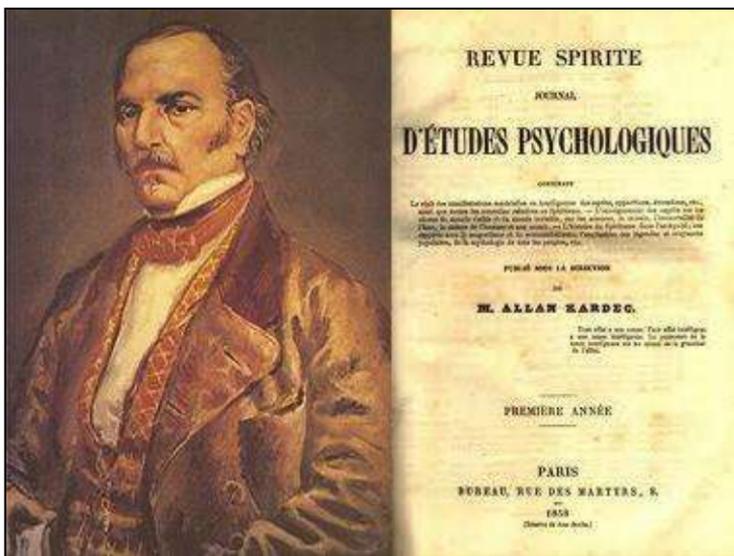
solução, apesar de toda a misericórdia e compaixão, paciência e diligência da providência divina. A liberdade para o Espírito esta em aceitar, conscientemente, o pagamento da dívida na caderneta do tempo, para garantir um futuro de muito trabalho, com a mente equilibrada e o sentimento renovado. Dívida paga, acesso a novos créditos na contabilidade divina. Eis um dos artigos da Lei.

CAPÍTULO III

LIVRE ARBÍTRIO NA CODIFICAÇÃO ESPÍRITA

CAPÍTULO III

LIVRE ARBÍTRIO NA CODIFICAÇÃO ESPÍRITA



Allan Kardec e a publicação da Revista Espírita
<http://www.falconiespiritismo.com/?p=2774>

Filho de pais talvez excessivamente generosos, conquistara meus títulos universitários sem maior sacrifício, compartilhara os vícios da mocidade do meu tempo, organizara o lar, conseguira filhos, perseguira situações estáveis que garantissem a tranquilidade

econômica do meu grupo familiar, mas, examinando atentamente a mim mesmo, algo me fazia experimentar a noção de tempo perdido, com a silenciosa acusação da consciência (André Luiz, Nosso Lar).

Para compreensão do exercício da liberdade individual, na intimidade do próprio ser, liberdade da própria consciência, denominado livre arbítrio, iremos analisar informações contidas nas bases doutrinárias, além de enriquecer com painéis ou dramas existenciais, narrados pelos Espíritos desencarnados, e encontrados nas páginas dos livros da codificação, notadamente no livro O Céu e o Inferno, de Allan Kardec.

Ao mesmo tempo, com vistas a esclarecimentos progressivos, serão consultados livros psicografados por Chico Xavier.

Iremos dividir este capítulo em três dimensões, mostrando exemplos da influência do Livre Arbítrio, na vida futura do homem de bem, dos espíritos sofredores e nas expiações terrestres.

1ª Dimensão – O Homem de Bem

Na segunda parte do livro O Céu e o Inferno, capítulo II, encontramos a manifestação de Samuel Felipe. Diz Allan Kardec que este era um verdadeiro homem de bem na acepção exata da palavra. Ninguém se lembrava de tê-lo visto cometer uma ação má ou errar voluntariamente no que quer que fosse. De um devotamento extremo pelos amigos, podia-se ter como certo o seu acolhimento, em se tratando de quaisquer favores, ainda que contrários ao seu próprio interesse. Trabalhos, fadigas, sacrifícios, nada o impedia de ser útil, e isto sem ostentação, admirando-se quando se lhe atribuía por estes predicados um grande mérito. Jamais desprezou os que lhe fizeram mal; antes se dava pressa em servi-los como se bem semelhante lhe houvessem feito.

Kardec, então, pergunta se Samuel Felipe poderia descrever como ocorreu o seu trespasse da vida corporal para a espiritual. Relata, então, o Espírito: a narrativa não aproveitará somente a vós, mas a mim próprio, por isso que, dirigindo o meu pensamento para a Terra, a comparação faz-me

apreciar melhor a bondade do Criador. Sabeis que de tribulações provei na vida; entretanto, jamais me faltou coragem na adversidade, graças a Deus! E hoje, felicito-me! E ainda tremo ao pensar que tudo quanto sofri se anularia caso desfalecesse, tendo de recomeçar novamente as provações! Oh! meus amigos, compenetrai-vos firmemente desta verdade, pois nela reside a felicidade do vosso futuro. Não é, por certo, comprar muito caro essa felicidade por alguns anos de sofrimento! Ah! Se soubésseis o que são alguns anos comparados ao infinito! Se de fato a minha última existência teve algum mérito aos vossos olhos, outro tanto não diríeis das que a precederam. E não foi senão à força de trabalho sobre mim mesmo, que me tornei o que ora sou. Para apagar os últimos traços das faltas anteriores, era-me preciso sofrer as últimas provas que voluntariamente aceitei. Foi na firmeza das minhas resoluções que escudei a resignação, a fim de sofrer sem me queixar. Hoje abençoo essas provações, pois a elas devo o ter rompido com o passado — simples recordação agora que me

permite contemplar com legítima alegria o caminho percorrido.

Oh! vós que me fizestes padecer na Terra; que fostes cruéis e malévolos para comigo, que me humilhastes e afligistes; vós, cuja má-fé tantas vezes me acarretou duras privações, não somente vos perdoou mas até vos agradeço. Intentando fazer mal, não suspeitáveis do bem que esse mal me proporcionaria. É verdade, portanto, que a vós devo grande parte da felicidade de que desfruto, uma vez que me facultastes ocasião para perdoar e pagar o mal com o bem.

Deus colocou-vos em meu caminho para aferir a minha paciência, exercitando-me igualmente na prática da mais difícil caridade: a de amar os inimigos.

Não vos impacienteis com esta divagação, porquanto vou responder agora à vossa pergunta. Conquanto sofresse cruelmente com a moléstia que me acometeu, quase não tive agonia: a morte sobreveio-me como um sono, sem lutas nem abalos. Sem temor pelo futuro, não me apeguei à

vida e não tive, por conseguinte, de me debater nos últimos momentos. A separação completou-se sem dor, nem esforço, sem que eu mesmo de tal me apercebesse. Ignoro que tempo durou o sono, que foi curto, aliás. Meu calmo despertar contrastava com o estado precedente: não sentia mais dores e exultava de alegria; queria erguer-me, caminhar, mas um torpor nada desagradável, antes deleitoso, me prendia, e eu me abandonava a ele prazerosamente, sem compreender a minha situação, conquanto não duvidasse ter já deixado a Terra. Tudo que me cercava era como se fora um sonho. Vi minha mulher e alguns amigos ajoelhados no meu quarto, chorando, e considerei de mim para mim que me julgavam morto. Quis então desenganá-los de tal ideia, mas não pude articular uma palavra, e daí concluí que sonhava. O fato de me ver cercado de pessoas caras, de há muito falecidas, e ainda de outras que à primeira vista não podia reconhecer, fortalecia em mim essa ideia de um sonho, em que tais seres por mim velassem.

Esse estado foi alternado de momentos de lucidez e de sonolência, durante os quais eu recobrava e perdia a consciência.

Pouco a pouco as minhas ideias adquiriram mais lucidez, a luz que entrevia, por denso nevoeiro, fez-se brilhante; e eu comecei a compreender-me, a reconhecer-me, compreendendo e reconhecendo que não mais pertencia a esse mundo. Certamente, se eu não conhecesse o Espiritismo, a ilusão perduraria por muito mais tempo. O meu invólucro material não estava ainda inumado e eu o olhava com piedade, felicitando-me pela separação, pela liberdade. Pois se eu era tão feliz por me haver enfim desembaraçado! Respirava livremente como quem sai de uma atmosfera nauseante; indizível sensação de bem-estar penetrava todo o meu ser, a presença dos que amara alegrava-me sem me surpreender, antes parecendo-me natural, como se os encontrasse depois de longa viagem. Uma coisa me admirou logo: o compreendermo-nos sem articular uma palavra! Os nossos pensamentos transmitiam-se pelo olhar somente, como que por efeito de uma penetração fluídica.

Eu não estava, no entanto, completamente livre das preocupações terrenas, e, como para realçar mais a nova situação, a lembrança do que padecera me ocorria de vez em quando à memória.

Sofrera corporal e moralmente, sobretudo moralmente, como alvo que fui da maledicência, dessas infinitas preocupações mais acerbas talvez que as desgraças reais, quando degeneraram em perpétua ansiedade.

E ainda bem não se desvaneciam tais impressões, já eu interrogava a mim mesmo se de fato delas me libertara, parecendo-me ouvir ainda umas tantas vozes desagradáveis. Reconsiderando as dificuldades que tanto e tantas vezes me atormentavam, tremia; e procurava, por assim dizer, reconhecer-me, assegurar-me que tudo aquilo não passava de fantástico sonho. E quando cheguei à conclusão, à realidade dessa nova situação, foi como se me aliviasse de um peso enorme.

Ah! pudessem os homens compreender a vida futura, e que força, que coragem esta convicção não lhes daria na adversidade.

Concluída a mensagem, podemos afirmar, em relação aos homens de bem, que a liberdade íntima de escolha já sedimentou os seus passos na trilha do amor ao próximo, e, diante dessa situação, os amigos espirituais elevados, que os antecederam na Pátria Espiritual, acompanham os teus triunfos ignorados pelos homens e abençoam o suor da paciência nas lutas necessárias; os encorajam na causa do amor puro e sustentam as suas energias para que as esperanças não desfaleçam; comungam com eles as alegrias e as dores, os ensinando a semear a felicidade nos outros, para recolher a felicidade maior; se tropeça estendem-lhes os braços e, se choras, enxugam suas lágrimas; sobretudo, os esperam, confiantes, quando terminarem a tarefa, para os abraçarem, afetuosos, com a alegria de quem recebe um companheiro querido, de volta ao lar.

Aos homens de bem, por não serem, ainda, espíritos puros, compete-nos vibrar e auxiliar para

que perseverem na edificação do Reino de Deus na Terra, já que as dificuldades são muito maiores, que assemelham-se a montanhas, onde somente a fé e o poder do bem conseguem eliminar.

2ª Dimensão – Os Espíritos Sofredores

Antes do depoimento do Espírito, é necessária e importante uma reflexão a respeito da função da dor, tendo em vista a necessidade de compreender o relato do Espírito sofredor que enfrenta as consequências das próprias ações, no capítulo do sofrimento. Emmanuel, no livro Justiça Divina, psicografado por Chico Xavier, faz uma abordagem esclarecedora, quando usa a linguagem da fotografia para decifrar os enigmas da dor como agente de fixação, a nos expor a verdadeira fisionomia moral.

*O sofrimento é fotógrafo oculto. Deslinda os mais íntimos aspectos da personalidade, situando-se a descoberto. Aclara os menores impulsos do coração, deixando-os à mostra. Em razão disso, **cada problema que te procura é semelhante ao trabalho de análise***

dirigida, como que a radiografar-te certas zonas do ser, de modo a verificar-lhes o equilíbrio. A vida, expressando a Sabedoria divina, observa cada um de nós, diariamente, examinando-nos o possível valor, a fim de valorizar-nos. Em todas as provações, adversidades e sombras, permanece fiel ao bem, no serviço incansável, para que o bem te revele através dos outros. Todos temos a vontade por alavanca de luz e toda criatura, sem exceção, demonstrará a quantidade e o teor da luz que entesoura em si própria, toda vez que chamada a exame, na hora da crise (Emmanuel, Justiça Divina).

Na segunda parte do livro O Céu e o Inferno, capítulo IV, encontramos a manifestação de um Espírito sofredor que se apresentou dando o nome de Ouran, príncipe russo de outros tempos. Pergunta Allan Kardec

— P. Quereis dar-nos algumas minudências sobre a vossa situação?

— R. Oh! felizes os humildes de coração, porque deles é o reino do céu! Orai por mim. Felizes os humildes de coração que escolhem uma posição

modesta a fim de cumprirem a provação. Vós todos, a quem devora a inveja, não sabeis o estado a que ficou reduzido um desses que na Terra são considerados felizes; não avaliais o fogo que o abrasa nem os sacrifícios impostos pela riqueza quando por ela se quer obter a salvação! Permita-me o Senhor a mim, déspota orgulhoso, expiar os crimes derivados do meu orgulho entre aqueles mesmos a quem oprimi com a tirania! Orgulho! Repita-se constantemente a palavra para que se não esqueça nunca que ele é a fonte de todos os sofrimentos que nos acabrunham. Sim, eu abusei do poderio e favores de que dispunha; fui duro e cruel para com os inferiores, os quais tiveram de curvar-se a todos os meus caprichos, satisfazer a todas as minhas depravações. Quis a nobreza, a fortuna, as honras, e sucumbi sob peso superior às próprias forças.

Esclarecimento dos Espíritos Superiores: *Os Espíritos que sucumbem são geralmente levados a alegar um compromisso superior às próprias forças — o que é ainda um resto de orgulho e um meio de se desculparem para consigo mesmos, não se*

conformando com a própria fraqueza. Deus não dá a ninguém mais do que possa suportar, não exige da árvore nascente os frutos dados pelo tronco desenvolvido. Demais, os Espíritos têm liberdade; o que lhes falta é a vontade, e esta depende deles exclusivamente. Com força de vontade não há tendências viciosas insuperáveis; mas, quando um vício nos apraz, é natural que não façamos esforços por domá-lo. Assim, somente a nós devemos atribuir as respectivas consequências.

— P. Tendes consciência das vossas faltas, e isso é já um passo para a regeneração.

— R. Esta consciência é ainda um sofrimento. Para muitos Espíritos o sofrimento é um efeito quase material. Liberto da matéria, o sentimento moral aumentou-se, para mim, de tudo quanto as cruéis sensações físicas tinham de horrível. Sei que os meus sofrimentos não serão eternos, mas não lhes entrevejo o fim, sendo-me antes preciso recomeçar a provação.

3ª Dimensão – O Espírito em Expições Terrestres

Na segunda parte do livro O Céu e o Inferno, capítulo VIII, encontramos a manifestação de um Espírito que estivera em expiação na Terra, cuja narrativa foi intitulada de História de um Criado. Relata Allan Kardec.

Servindo a uma família de alta posição, era um moço cuja figura inteligente e fina surpreendia por sua distinção. Em suas maneiras nada havia de rústico ou plebeu, e, ao mesmo tempo que diligenciava bem servir seus patrões, estava longe de ostentar quaisquer servilismos, aliás muito próprios das pessoas de sua condição. Voltando, de uma feita, a casa dessa família, onde o conhecêramos, e porque não o víssemos, perguntamos se o haviam despedido. Disseram-nos que tinha ido passar alguns dias na sua terra natal, e que lá falecera.

Disseram-nos, mais, que muito lamentavam a perda de tão excelente moço, possuidor de sentimentos assaz elevados para a sua posição. E acrescentaram que ele lhes era muito dedicado, dando provas de grande afeição.

Mais tarde, veio-nos a ideia de evocar esse rapaz, e eis o que nos disse ele:

“Na penúltima encarnação, havia eu nascido de muito boa família, como se diz na Terra, mas cujos bens estavam arruinados pelas prodigalidades de meu pai. Órfão muito criança, um amigo deste recolheu-me e mandou educar-me excelentemente como um filho, educação essa que me suscitou tal ou qual vaidade. Meu protetor, de então, é hoje o Sr. G..., ao serviço do qual me conhecestes. É que eu quis expiar o orgulho, na última existência, sob a condição de servo, provando ao mesmo tempo a dedicação devida ao meu benfeitor. Cheguei mesmo a salvar-lhe a vida sem que ele o soubesse. Isso constituiu também uma provação da qual saí vitorioso e bastante confortado para me não deixar corromper num meio vicioso. Conservando-me impoluto, a despeito dos maus exemplos, agradeço a Deus a recompensa, na felicidade que hoje desfruto.”

— P. Como pudesdes aproveitar essa provação quando não tínheis noção da sua causa anterior?

— R. Na humildade da minha condição ainda me restava um instinto daquele orgulho; fui feliz por tê-lo domado, tornando proveitosa a provação que, a não ser assim, eu teria de recomençar. Nos seus momentos de liberdade, o meu Espírito lembrava-se do que fora e ao despertar invadia-lhe um desejo intuitivo de resistir às más tendências. Tive mais mérito lutando assim, do que se tivesse a lembrança do passado. Com essa lembrança o orgulho de outros tempos se teria exaltado, perturbando-me, ao passo que deste modo apenas tive que combater as influências nocivas da minha nova condição.

— P. De que serviu terdes recebido uma brilhante educação, uma vez que na última encarnação não vos era possível lembrar os conhecimentos adquiridos?

— R. Tais conhecimentos, dada a minha ulterior condição, seriam supérfluos; por isso ficaram num estado latente para que hoje eu os reencontrasse. Mas tais conhecimentos não me foram de todo inúteis, visto como, desenvolvendo-me a inteligência, me incutiram predileção instintiva

pelas coisas elevadas e repugnância pelos baixos e ignóbeis exemplos que tinha à vista. Sem aquela educação, eu não passaria de um criado.

— P. A abnegação dos criados para com os patrões terá por ascendente o fato de relações anteriores?

— R. Sem dúvida, e ao menos é esse o caso comum. As vezes tais criados são membros da mesma família, ou, como no meu caso, escravos do reconhecimento e que procuram saldar uma dívida, ao mesmo tempo concorrendo para que progridam por sua dedicação. Vós não compreendeis todos os efeitos da simpatia que a anterioridade de relações produz aí no mundo. A morte em absoluto não interrompe essas relações, que podem perpetuar-se por séculos e séculos.

— P. Por que são hoje tão raros esses exemplos de dedicação?

— R. Acausai a feição egoística e orgulhosa do vosso século, agravada ainda pela incredulidade das ideias materialistas. À verdadeira fé antepõe-se presentemente a cobiça, a avidez do

ganho, em detrimento da abnegação. Induzindo os homens à verdade, o Espiritismo fará reviver igualmente as virtudes esquecidas.

Nada melhor do que este exemplo para evidenciar o benefício do esquecimento em relação às existências anteriores. Se esse Espírito tivesse ciência do que havia dito o seu criado, ficaria para com ele numa posição embaraçosa, e não o conservaria como tal, obstando, por conseguinte, uma provação proveitosa para ambos.

Com a obra mediúnica de Chico Xavier, as noções sobre a vida além-túmulo ampliam-se, e os novos conhecimentos passam a simbolizar o credor que nos bate à porta, nos chamando à responsabilidade perante as deliberações que venhamos a tomar. Passamos a compreender que a liberdade de pensar, de consciência, de tomar decisões, enfim, de exercer um direito inalienável, na feição do Livre Arbítrio, passa a ser a senha para a nossa salvação ou escravidão, felicidade ou infelicidade, em plena imortalidade.

Nesse sentido, André Luiz nos falaria, no prefácio e no início do Livro Nosso Lar, que a vida não cessa. A vida é fonte eterna e a morte é jogo escuro das ilusões. O grande rio tem seu trajeto, antes do mar imenso. Copiando-lhe a expressão, a alma percorre igualmente caminhos variados e etapas diversas, também recebe afluentes de conhecimentos, aqui e ali, avoluma-se em expressão e purifica-se em qualidade, antes de encontrar o Oceano Eterno da Sabedoria. Cerrar os olhos carnaís constitui operação demasiadamente simples.

Permutar a roupagem física não decide o problema fundamental da iluminação, como a troca de vestidos nada tem que ver com as soluções profundas do destino e do ser. Oh! caminhos das almas, misteriosos caminhos do coração! É mister percorrer-vos, antes de tentar a suprema equação da Vida Eterna! É indispensável viver o vosso drama, conhecer-vos detalhe a detalhe, no longo processo do aperfeiçoamento espiritual!... Seria extremamente infantil a crença de que o simples "baixar do pano" resolvesse transcendentemente questões do Infinito.

Uma existência é um ato. Um corpo - uma veste. Um século - um dia. Um serviço - uma experiência. Um triunfo - uma aquisição. Uma morte - um sopro renovador. Quantas existências, quantos corpos, quantos séculos, quantos serviços, quantos triunfos, quantas mortes necessitamos ainda? E o letrado em filosofia religiosa fala de deliberações finais e posições definitivas! Ai! por toda parte, os cultos em doutrina e os analfabetos do espírito! É preciso muito esforço do homem para ingressar na academia do Evangelho do Cristo, ingresso que se verifica, quase sempre, de estranha maneira - ele só, na companhia do Mestre, efetuando o curso difícil, recebendo lições sem cátedras visíveis e ouvindo vastas dissertações sem palavras articuladas. Muito longa, portanto, nossa jornada laboriosa. A existência humana apresenta grande maioria de vasos frágeis, que não podem conter ainda toda a verdade. Aliás, não nos interessaria, agora, senão a experiência profunda, com os seus valores coletivos.

Mais adiante, no início da obra *Nosso Lar*, André afirma que reconhecia a esfera diferente a erguer-se da poalha do mundo e, todavia, era

tarde. Pensamentos angustiosos atritavam-me o cérebro. Mal delineava projetos de solução, incidentes numerosos impeliavam-me a considerações estonteantes. Em momento algum, o problema religioso surgiu tão profundo a meus olhos. Os princípios puramente filosóficos, políticos e científicos, figuravam-se-me agora extremamente secundários para a vida humana. Significavam, a meu ver, valioso patrimônio nos planos da Terra, mas urgia reconhecer que a humanidade não se constitui de gerações transitórias e sim de Espíritos eternos, a caminho de gloriosa destinação. Verificava que alguma coisa permanece acima de toda cogitação meramente intelectual. Esse algo é a fé, manifestação divina ao homem. Semelhante análise surgia, contudo, tardiamente.

Nos exemplos citados, cada um numa dimensão específica, fica bem caracterizado que o Espírito vivencia experiências com ampla liberdade de ação, evidentemente, no contexto da lei do progresso e nos limites que Deus permite. Além disso, devemos considerar que na intimidade do próprio ser, o Espírito é inteiramente livre na

tomada de decisões, o que lhe garante inteiro mérito por suas conquistas ou total responsabilidade pelos seus atos contrários à Lei. Então, conscientemente, ele é livre para semear, de acordo com a própria vontade, mas se escraviza às consequências, felizes ou infelizes, e que se projetam na vida em forma de lutas, provas ou expiações. A partir daí, uma série de consequências começam a influenciar sua vida, que são resolvidas na mesma existência ou se prolongam por existências sucessivas, no espaço e no tempo, mas que guardam relação direta na lei de causa e efeito e nas disposições do Espírito para corrigir ou agravar sua situação.

Essas experiências poderiam ser classificadas como disciplinas obrigatórias, para acesso a níveis superiores, no educandário da vida. Mas, estas matérias, apontadas em livros específicos, contam com professores diferentes que guardam relação com nossas decisões, no capítulo do livre arbítrio.

Serão lições preciosas, ministradas no silêncio íntimo de cada ser humano, conforme nos esclarece Emmanuel, no livro *Religião dos*

Espíritos, em mensagem intitulada Professores Diferentes, cujo conteúdo desfila, agora, aos nossos olhos.

PROFESSORES DIFERENTES

Emmanuel, Religião dos Espíritos

Entre familiares e amigos, encontras, na Terra, a oficina do teu burilamento. Com raras exceções, todos apresentam problemas a resolver. Problemas na emoção e no pensamento. Problemas na palavra e na ação. Problemas no lar e no trabalho. Problemas no caminho e nas relações. Prossegues, assim, junto deles, como quem respira ao pé de múltiplos instrutores num instituto de ensino. Muitos reclamam trabalho, lecionando-te paciência, enquanto outros te ferem a sensibilidade, diplomando-te em sacrifício. Há os que te escandalizam incessantemente, adestrando-te em piedade, e aqueles que te golpeiam a alma, com as lâminas invisíveis da ingratidão, para que aprendas a perdoar.

E as lições vão surgindo, à maneira de testes inevitáveis. Agora, é o esposo que deserta, dobrando-te a carga de obrigações, ou, noutras circunstâncias, é a esposa que se rebela aos compromissos, agonizando-te as horas... Hoje, ainda, são os pais que te contrariam as esperanças, os filhos que te aniquilam os sonhos ou os amigos que se transformam em duros entraves no serviço a fazer.

Nenhum problema, entretanto, aparece ao acaso, e, por isso, é imperioso te armes de amor para a luta íntima. Fugir da dificuldade é, muitas vezes, a ideia que te nasce como sendo o melhor remédio. Semelhante atitude, porém, seria o mesmo que debandar, menosprezando as exigências da educação.

Carrega, pois, com serenidade e valor o fardo de aflições que o pretérito te situa nos ombros, convicto de que os associados complexos do destino são antigos parceiros de tuas experiências, a repontarem do caminho, solicitando contas e acertos. Seja qual for o ensinamento de que se façam intérpretes, roga à Sabedoria Divina te inspire a conduta, a fim de que não percas o merecimento da escola a que a vida te

conduziu. Ainda mesmo em lágrimas, lê, sem revolta, no livro do coração, as páginas de dor que te imponham, ofertando-lhes por resposta as equações do amor puro, em forma de tolerância e bondade, auxílio e compreensão.

Recorda que o próprio Cristo, sem débito algum, transitou, cada dia, na Terra, entre esses professores diferentes do espírito. E, solucionando, na base da humildade, os problemas que recebia na atitude e no comportamento de cada um, submeteu-se, a sós, à prova final da suprema renúncia, à qual igualmente te submeterás, um dia, na conquista da própria sublimação — o único meio de te elevares ao clima glorioso dos companheiros já redimidos que te aguardam, vitoriosos, nas eminências da Espiritualidade (Emmanuel, Religião dos Espíritos).

CAPÍTULO IV

CONSIDERAÇÕES FINAIS

CAPÍTULO IV

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Chico Xavier em trabalho assistencial junto a companheiros de ideal

O homem tem o livre-arbítrio de seus atos, ou seja, tem a possibilidade de decidir, escolher em função da própria vontade, isenta de qualquer condicionamento ou causa determinante. Esta condição é inalienável e esta presente na consciência de cada um para que o Espírito, ao fazer a revisão de suas experiências, tenha a aprovação implícita de sua consciência, no regime de que toda conquista individual é consequência de seus próprios méritos.

Tendo em vista que a Lei de Deus nos coloca em regime evolutivo, os princípios da providência divina colocam os Espíritos sob a cobertura do determinismo divino, sem que isso venha a tolher qualquer iniciativa pessoal no tocante a suas deliberações. Mas, como a Lei de Deus é lei evolutiva, dinâmica, o determinismo para o bem encontra-se operando a benefício do espírito, conspirando a favor de sua libertação espiritual.

Assim, vamos encontrar falanges de Espíritos mais esclarecidos, escravizados por amor, a Cidades, Colônias ou Postos de Assistência Espirituais, em trabalho constante em favor da libertação e esclarecimento de outros Espíritos menos felizes, construindo pontes fraternas, no entendimento de que todos estamos no endereço

de Deus, apenas, separados por conflitos existenciais que requerem paciência, carinho, esclarecimento ou sacrifício.

Do mesmo modo, encontramos, também, milhares de Espíritos matriculados na escola da vida, reencarnados no Planeta para auxiliarem no aperfeiçoamento de almas que ainda lutam para se libertarem de dramas evolutivos ou necessitados de aprenderem a ciência do amor.

O próprio homem, à medida que se torna responsável, organiza o determinismo da sua existência, agravando-o ou amenizando-lhe os rigores (Emmanuel, O Consolador).

Estas condições refletem o determinismo divino, constituindo uma cobertura de benção em favor de todos os filhos, na expectativa de que cada Espírito tome consciência de sua posição de criatura eterna e responsável perante a lei, e inicie sua subida aos cumes da fraternidade universal tendo como base a lei do “amai-vos uns aos outros” como Jesus nos amou.

O caminho seguido por todas as almas refletem, necessariamente, suas próprias escolhas, o que lhes acarreta períodos de sofrimento ou de

reajustes no comportamento para que venham a adquirir discernimento e suas escolhas se pautarem pela influência do bem. Portanto, são nas sucessivas existências que a alma se despoja das suas imperfeições, até que esteja bastante pura para deixar os mundos de expiação como a Terra, onde os homens expiam o passado e o presente, em proveito do futuro.

Depende de cada um prolongar ou abreviar a sua permanência, segundo o grau de adiantamento atingido pelo próprio esforço sobre si mesmo. A libertação se dá, pelo próprio mérito de cada um, consoante estas palavras do Cristo de que a cada um será dado segundo as suas obras, palavras que resumem integralmente a justiça de Deus.

No contexto dessa questão, mas segundo o discernimento de cada um, o que se recolhe da vida é, apenas, resultado de nossas próprias escolhas, supervisionada pelo determinismo do bem que encontra-se espalhado por todo o universo.

Mas muito acreditam que a fatalidade possa substituir a Providência Divina, quando lançamos à conta do destino o que muitas vezes é apenas consequência de nossas próprias faltas. A

fatalidade existe unicamente pelas provas que o Espírito escolheu. Escolhendo-a, instituiu para si uma espécie de destino, mas nada inexorável, que não possa ser alterado, suavizado ou condicionado pela atitude ativa do Espírito, pois sempre existe tempo para melhorar, assim como existe estação para promover a renovação.

Não há fatalidade. É o homem que tece, fio por fio, dia a dia, a rede de seu destino (O Problema do Ser, do Destino e da Dor, Leon Denis).

Em relação às provas morais e às tentações, o Espírito, conservando o livre-arbítrio, é sempre senhor de ceder ou de resistir, constituindo essa situação a realidade para a maioria dos Espíritos matriculado em mundos de provas e expiações.

Um tópico importante a ser considerado em qualquer estudo a respeito da liberdade individual é o respeito às crenças alheias, sendo que essa situação esta representada por aquele que se ofende ou não aceita o outro que não pensa como ele, em termos de interpretação religiosa. Isso é atentar contra a liberdade de pensamento.

Se, por um lado, a liberdade de crença oferece a oportunidade de renovação mental, a verdade é

que em todos os tempos, a intolerância religiosa sempre esteve presente nas manifestações humanas, motivada, muitas vezes, por fanatismo ou interesses dos sacerdotes políticos. Mas, apesar da existência desse comportamento, a Revelação Cristã fala do respeito que deve existir entre os profíctentes das diversas seitas, ao nos colocar na condição de filhos do mesmo Pai e inseridos no estado progressivo das Almas.

Em termos práticos, sem qualquer pretensão de superioridade ou desrespeito às crenças alheias, a doutrina que alimentar a idéia de ser a expressão da verdade, será aquela que fizer mais homens de bem pela prática da lei de amor. Esse pode ser um ponto de convergência a todos os corações de bem, iluminados pela claridade evangélica. Nesse terreno não haverá separação, pois todos estarão alimentados pelo sentimento de respeito e amor ao próximo.

O livre-arbítrio se desenvolve à medida que o Espírito adquire a consciência de si mesmo. Em toda circunstância, porém, o mérito depende da melhora do Espírito, quando busca educar a si mesmo, aprendendo e servindo, amando e perdoadando. Acresce notar, entretanto, que o desenvolvimento do livre-arbítrio acompanha o da

inteligência e aumenta a responsabilidade dos atos que o Espírito delibera tomar.

As Almas ou Espíritos chegam à perfeição em virtude do livre-arbítrio e na razão direta dos seus esforços (Allan Kardec, O Céu e o Inferno).

Devemos considerar, também, que apesar do Espírito ser detentor do livre arbítrio e, em muitas ocasiões, enveredar pelos caminhos do erro, Deus olha de igual maneira para todos, inclusive para os que se transviaram, e a todos ama com o mesmo coração. Esta orientação encontra-se na lição do filho pródigo, parábola utilizada por Nosso Senhor Jesus para mostrar a relação paternal do Criador com seus filhos. Nesta parábola, o filho imaturo solicita sua parte na herança e o Pai entrega o respectivo valor, dando ao filho a oportunidade de construir a própria vida, a partir de suas deliberações pessoais. Depois de gastar toda a fortuna, volta para casa com a alma fatigada e desiludida. O Pai não o repreende e o recebe de braços abertos, na oportunidade de, novamente, colocar o filho em contato com o trabalho digno, vivenciar os valores da família e do bem. A atitude do Pai revela sabedoria e nos fala da necessidade de proporcionar aos filhos as oportunidades para uma vida relativamente livre, mas contando com

uma cobertura, uma proteção sutil, sempre pronto a recebê-los de volta no clima da alegria, do respeito, mas com o propósito de reeducação.

Com o direito inalienável do livre arbítrio, o Espírito escolhe os caminhos mais adequados ao seu aprendizado, a partir de dois pontos claramente identificados, ou seja, o ponto de partida, como seres simples e ignorantes, e o ponto de chegada, na condição de Espíritos puros. Nesse sentido, podemos afirmar que existe um determinismo divino que, apesar de permitir ao Espírito uma liberdade relativa, estabelece diretrizes, a partir do qual os seres caminham tangenciando a perfeição. A principal diretriz é a vivência da Lei do Amor, consubstanciada na afirmativa de Nosso Senhor: “Amai-vos uns aos outros, como eu vos Amei”.

A liberdade é a condição necessária da alma humana que, sem ela, não poderia construir seu destino. À primeira vista, a liberdade do homem parece muito limitada no círculo de fatalidades que o encerra: necessidades físicas, condições sociais, interesse. A liberdade e a responsabilidade são correlativas no ser e aumentam com sua elevação; é a responsabilidade do homem que faz sua dignidade e moralidade. A

noção de moralidade é inseparável da de liberdade. A responsabilidade é estabelecida pelo testemunho da consciência, que nos aprova ou censura segundo a natureza de nossos atos. A sensação do remorso é uma prova mais demonstrativa que todos os argumentos filosóficos (Leon Denis, O Problema do Ser, do Destino e da Dor).



Filósofo Leon Denis - https://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%A9on_Denis

No Livro de Leon Denis, “O Problema do Ser, do Destino e da Dor”, encontramos o pensamento racionalista do autor, considerando a existência do Livre Arbítrio, associado a uma condição indeclinável do Espírito que a sua própria liberdade. A partir da liberdade de escolha, o Espírito aceita, se revolta ou busca novos

caminhos na vida, diante de experiências que, hoje, com o conhecimento da Doutrina Espírita, sabemos estarem subordinadas às suas necessidades espirituais, cujas causas se perdem no labirinto das existências solidárias ou em sua programação existencial. Mesmo na inconsciência a que o Espírito está sujeito, pela lei que regula os renascimentos sucessivos, sem o controle efeito da recordação do passado, suas escolhas ficam condicionadas por experiência já vividas.

Se a liberdade humana é restrita, está pelo menos em via de perfeito desenvolvimento, porque o progresso não é outra coisa senão a extensão do livre-arbítrio no indivíduo e na coletividade. A luta entre a matéria e o espírito tem precisamente como objetivo libertar este último cada vez mais do jugo das forças cegas. A inteligência e a vontade chegam, pouco a pouco, a predominar sobre o que a nossos olhos representa a fatalidade. O livre-arbítrio é, pois, a expansão da personalidade e da consciência. Para sermos livres é necessário querer sê-lo e fazer esforço para vir a sê-lo, libertando-nos da escravidão da ignorância e das paixões inferiores, substituindo o império das sensações e dos instintos pelo da razão. Isto só se pode obter por uma educação e uma preparação prolongada das faculdades humanas: libertação física

pela limitação dos apetites; libertação intelectual pela conquista da verdade; libertação moral pela procura da virtude. É essa a obra dos séculos (Leon Denis, O Problema do Ser, do Destino e da Dor).

Resta-nos, para encerrar as considerações finais, o entendimento de que o fator preponderante na aplicação do livre arbítrio é a educação do Espírito, ferramenta essa que lhe permite evoluir conscientemente, ao fazer escolhas adequadas à sua necessidade de crescimento espiritual. E, conforme afirma Leon Denis, essa é obra dos séculos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Allan Kardec, O Céu e o Inferno

Allan Kardec, O Evangelho Segundo o Espiritismo

Allan Kardec, O Livro dos Espíritos

Allan Kardec, O que é o Espiritismo

Henri Sausse, Biografia de Allan Kardec

Chico Xavier, Justiça Divina



INSTITUTO ESPÍRITA DA CARIDADE LUZ DE LÍVIA

Departamento de Comunicação
Difusão Doutrinária

1ª edição – Dezembro/2017

Autor Intelectual
Leonel S. Varanda

Todos os direitos de reprodução, cópia, comunicação ao público e exploração econômica desta obra estão reservados única e exclusivamente para o Instituto Espírita da Caridade Luz de Livia. Proibida a reprodução total ou parcial da mesma, através de qualquer forma, meio ou processo eletrônico, digital, fotocópia, microfilme, internet, CD-ROM, sem a prévia e expressa autorização da editora nos termos

da Lei 9.610/98 que regulamenta os direitos de autor e conexos.